

## **“Isaac Cardoso, cristão-novo beirão e a sua concepção de “marranismo” e povo judeu”**

*Claude B. Stuczynski*

Exmos. Organizadores do Festival da Memória Sefardita, distintas autoridades locais, nacionais, religiosas e comunitárias, estimado público, senhoras e senhores:

É para mim um verdadeiro prazer e honra poder participar na gestão do Centro de Interpretação Judaica Isaac Cardoso aqui na bela, encantadora e acolhedora cidade de Trancoso, para falar do seu conterrâneo Fernando Isaac Cardoso, que se distinguiu como médico na corte de Filipe IV (III de Portugal) e como acérrimo defensor do judaísmo. Tal como para muitos dos leitores da minha geração apaixonados pelo Novo Cristianismo, o português e ibérico, Fernando Isaac Cardoso foi um dos meus primeiros “heróis” sefarditas; sobretudo, graças ao estudo pioneiro de Yosef Hayim Yerushalmi.

A partir da sua obra “De la corte española al gueto italiano. Marranismo y judaísmo en el España del siglo XVII: el caso Isaac Cardoso”, não só se destacavam as diferentes etapas que marcaram a fascinante trajetória pessoal de Fernando Isaac: o seu provável nascimento em Trancoso (ou Celorico da Beira) em 1604 no seio de uma família Cristã-Nova beirão, a sua infância e juventude em Valladolid, os estudos de medicina realizados na Universidade de Salamanca, a ocupada vida profissional e sócio-cultural madrilena, o seu repentino regresso ao judaísmo em Veneza, com cerca de 40 anos, e o seu falecimento em 1683 como respeitado membro da pequena comunidade sefardita de Verona. Através do estudo de Yerushalmi surge a excepcionalidade do personagem, ao ter sabido canalizar na sua obra “Las excelencias de los hebreos” (Amesterdão, 1679), os avatares da sua experiência pessoal e de muitos dos seus congéneres cristãos-novos lusitanos, para meditar sobre o papel do povo judeu e da religião mosaica.

Pois bem, Yerushalmi e todos aqueles que seguiram os seus caminhos de investigação, consideraram “Las excelencias de los hebreos” uma obra de

carácter conjuntural e, portanto, muito limitada no espaço e no tempo. Avançam-se dois argumentos de grande peso a favor de uma leitura historicista do livro de Cardoso. Por um lado, argumenta-se que as próprias características da obra (como o idioma, o estilo e as fontes de informação e referência), respondiam a uma cultura sefardita de extracção ibérica, da qual já não somos tributários. Vale como exemplo a própria estrutura da obra. Dividida em duas grandes partes, a primeira era composta por 10 “excelências” na qual se elogiavam as virtudes do povo judeu: a sua eleição, unidade, separação e papel de testemunhas da unidade de Deus; a compaixão, caridade e recatos, a lei de origem Divina e, em particular, a circuncisão, o descanso sabático e a profecia da Terra Prometida.

Na segunda parte, Cardoso respondia a 10 “calúnias” respeitantes a judeus e cristãos-novos: que adoravam falsas divindades, que cheiravam mal, que tinham cauda e que os homens tinham fluxo menstrual, que rezavam contra os gentis, que eram infiéis, cruéis e corrompiam as Escrituras. Com razão afirmou-se que, mediante o uso do conceito de “excelências” (em voga para vangloriar a superioridade da catolicidade ibérica sobre as monarquias e nações), Cardoso procurava apresentar as especificidades do judaísmo e do povo judeu de maneira contra-cultural, ou seja: afirmando a sua particularidade mediante uma utilização consciente da linguagem empregue pelo campo inimigo. Também o carácter das 10 “calúnias” que Cardoso desafiava no seu tratado, conferia à obra um sabor claramente circunstancial. Por outro lado, o mesmo se disse em relação à mensagem central do tratado de Cardoso. Apresentar o povo judeu como uma república separada do resto da humanidade, era anacrónico e irrelevante para todos aqueles judeus que 100 anos depois de publicada a obra, paulatinamente começaram a beneficiar dos direitos e deveres de cidadania nos diversos países de nascimento ou residência. Quem sabe, esta seja a razão pela qual, na hora de oferecer uma versão parcial e traduzida para hebraico da obra “Excelencias de los hebreos” em 1971, optou-se por privilegiar a parte mais idiossincrática da obra: isto é, a segunda parte, aquela que trata das “calúnias”.

Permitam-me dedicar os minutos que se seguem para tratar de alguns aspectos da primeira parte de “Las excelencias de los hebreos”: as suas “excelências”. Em primeiro lugar, trata-se de acompanhar uma tendência actual

de justa revalorização historiográfica da parte menos exótica da obra, mas teologicamente e filosoficamente mais significativa. Por outro lado, proponho deter-me em algumas das temáticas que se desprendem das dez “excelências”, visto que sustenho que o valor do livro de Cardoso vai mais além das circunstâncias históricas em que foi escrito.

A minha proposta de apresentar “Las excelencias de los hebreos” como uma contribuição para o pensamento judaico moderno, obedece ao próprio carácter atípico da obra. Perante obras lidas e usadas por Cardoso, que se dirigiam a um público não-judeu, como por exemplo “Discurso circa il stato de gl’hebrei et in particular dimoranti nell’inclita Città di Venetia” (Veneza 1683) de Simone Luzzatto ou os “humildes pedidos” que desde Amesterdão o rabino Manasseh Ben Israel dirigia a Oliver Cromwell (“To His Highnesse the Lord Protector of the Commonwealth of England, Jewish Nation”, Amesterdão 1655), “Las excelencias de los hebreos” possuía um tom mais altivo, seguro de si e menos utilitarista que os precedentes. Mediante as suas obras, Luzzatto e Ben Israel procuravam, cada um à sua maneira, mostrar os benefícios económicos que implicava a presença dos judeus nas diferentes repúblicas cristãs. Em troca, Isaac Cardoso propunha outro tipo de argumentação. Dizia que o benefício dos judeus não se devia à fragilidade da sua condição, mas em virtude de viver numa república afastada, por falta de território fixo e de plena soberania.

*"Como los judíos no tienen Rey propio, ni tierra propia, los bienes que tienen, y facultad la gastan en la tierra donde asisten sin conducirlos a otras, no como las demás Naciones que las ganancias, y caudales que aquistan en un Reyno los conducen a otros para su seguridad, y hazen de su patria el depósito y archivo de sus riquezas: pero los Judíos donde tienen hazienda ahí la gastan, ni la remiten fuera sino la que permite el trafegar con el negocio, contrato, cambiando, y recambiando de unas partes en otras" (p. 376)*

Segundo Cardoso, era a milenar fidelidade adoptada pelos judeus perante as suas próprias tradições e preceitos religiosos, que os predispunham naturalmente a ser súbditos fiéis perante as suas necessidades quotidianas. Contudo, os seus meios de subsistência na Diáspora mostravam claramente a sua posição como povo eleito de Deus: *"assi los Judíos desterrados de sus tierras entre gentes contrarias, que todas les maltratan, ni les dexen tener*

*posesiones, y muchas ni officios para poder passar su vida, y el Señor le sustenta del rocío del cielo, y de su gracia ha cerca de dos mil años, cõ singular Providencia, no habiendo entre ellos los pobres mendigantes, que se vén en las otras naciones, ni andan pidiendo limosnas a extraños, que entre si se ayudan, y socorren, y si Dios los sustentó en el Dizierto cuarenta años dándoles Manná del cielo, agora los sustenta en el mundo por muchos siglos de años con la Manná de la Providencia suya, haziendo que hallen gracia en las gentes, para valerse dellos, ò, en tratos, y negocios buscándoles ocasiones para la comodidad de la vida" (p. 15)*

Ao contrário de Luzzatto e Ben Israel, Cardoso não dedicava a sua obra ao Senado veneziano, nem ao "Lord Protector". A obra "Excelencias de los hebreos" estava dedicada ao seu mecenas "muy noble y magnifico señor" Jacob de Pinto, membro da comunidade sefardita de Amesterdão e fundador da "Yeshiba dos Pintos". Era apresentado por Cardoso como um dos mais ilustres indivíduos da nossa Nação.

Contudo, esta dedicatória não nos deve induzir em erro. É que "Las excelencias de los hebreos" não foi um mero livro de apologia interna, como os que escreviam na altura, como "Nomologia o discursos legales" de Immanuel Aboab (Amesterdão 1629).

Enquanto Aboab reservava o núcleo da sua obra para expor a sua opinião a favor da tradição rabínica, a fim de enfrentar os cristãos-novos que regressavam ao judaísmo e que duvidavam do judaísmo pós-bíblico que encontravam na Diáspora Sefardita, Cardoso defendia a legitimidade da existência do judaísmo e do povo judeu, como se estivesse perante um público gentil. A Jacob de Pinto, Cardoso recordava no prólogo que: *"El pueblo de Ysrael al mismo passo amado de Dios, que perseguido ... ha dos mil años desde el tiempo de Nebuhadnezar que anda esparcido en las naciones, expiando los pecados suyos, y de sus padres, cometidos en la transgresión de la Ley Santa, de unas maltratado, de otras herido, y de todas despreciado, sin que aya Monarquía, o Reyno, que no aya desenvainado contra él la espada, derramando su sangre, y comiendole la sustancia."*

Para logo explicar que: *"La separación le haze aborrecido a las gentes, y essa misma le haze mas amable à su Criador"*.

Qual seria então o leitor imaginado por Cardoso? Uma das possibilidades era que Cardoso respondia ao projecto do filósofo holandês de origem sefardita, Baruch Spinoza. Na “excelência” que fala da eleição do povo judeu, Cardoso, ao usar repetidamente epítetos como “espinoso”, “planta espinosa” ou “espinos” para falar da dificuldade desta eleição (pp. 14-15), referia-se enigmaticamente ao filósofo heterodoxo sefardita. Recordemos que, nove anos antes de ser publicada “Las excelencias de los hebreos” apareceu, anonimamente, o “Tratatus Theologicus Politicus”, no qual Spinoza explicava que a surpreendente persistência do povo judeu na história não se devia aos desígnios de Deus, mas sim ao ódio eternizador da identidade judaica. Tal como Spinoza, Cardoso também dizia que “la unidad y la separación de todos en esta gente la hacian más aborrecible” (p. 23). Contudo, ao longo da primeira parte de “Las excelencias de los hebreos” enfatizava, sistematicamente, a dimensão sagrada do judaísmo, utilizando, várias vezes, o vocábulo mistério para contextualizar o que empiricamente era inexplicável.

Esta interpretação, por mais interessante que seja, parece-me possível para o caso de Spinoza, no entanto, pouco provável para os leitores marcados pelo “espinocismo”. Spinoza era influente nas comunidades judaicas, somente a partir do século XIX. Por isto, sustento que “Las excelencias de los hebreos” mais do que responder ao “Tratado Teológico Político”, revelaria uma inquietude comum aos dois pensadores sefarditas. Recentemente, Anne Oravetz Albert disse que vê em “Las excelencias de los hebreos” uma vontade restauradora perante a crise causada pelo falso Messias Shabbetai Zvi em 1665-66.

Não nos esqueçamos que Fernando Isaac era irmão de um dos principais ideologistas do messianismo Sebastianista: Miguel Abraham Cardoso. Sem descartar esta hipótese, é difícil conceber que o tipo de argumentação delineado por “Las excelencias de los hebreos”, tão cheia de elementos provenientes da Península Ibérica, do Cristianismo e da cultura política ocidental tenha tentado responder explicitamente aos desafios messiânicos chegados do oriente otomano.

Outra das possibilidades de interpretação é que Cardoso tenha escrito a obra para aqueles Cristãos-Novos que ainda não tivessem voltado à religião dos seus antepassados e que se debatiam com os desafios teológicos propostos

pelo catolicismo da sua envolvente. Esta leitura parece mais provável que as anteriores, encontrando-se em completa harmonia com o omnipresente fundo ibérico e o carácter polémico anti-cristão da obra. Cardoso assinalava o carácter eterno e irrevogável da eleição do povo judeu, formulada no matrimónio ("kidushim") imperecível entre o Criador e o povo de Israel.

*"Esta eleccion de Ysrael en ser pueblo de Dios, y este sacro desposorio no fue temporaria, y condicional, sino eterna, y absoluta ...", puesto que "[n]o es Dios como los Principes terrenos, que al Privado, ò, Ministro que una vez escogieron para su servicio, otra vez lo reprovean por demeritos cometidos ..."* (p. 5)

Deste modo, Cardoso respondia à ideia de superação Paulina. A imagem bíblica do espinheiro que não se consumia perante Moisés (Êxodo 3:1-6), era para o autor o emblema deste nexos difícil, mas eterno: *" simbolo expreso del pueblo de Ysrael abrazado en las persecuciones, y fuego del cautiverio, y nunca consumido, reservado siempre de la Divinidad, que le ampara"* (p. 14).

Com certa circunspecção, Cardoso causava polémica com o Cristianismo ao sustentar: *"que nunca el Señor desechó totalmente su pueblo, sino que le encubrió su amor, ni sustituyó otro en su lugar, dexando el hijo por tomar los extraños"* (p. 19).

Mas, de uma forma mais directa, tentava provar que cronologicamente a dispersão dos judeus precedeu a crucificação (p.16) e que, ao contrário do que sustinha a tradicional argumentação Cristã anti-rabínica, o povo de Israel nunca tinha perdido "a vara de Judá" profetizada pelo patriarca Jacob (Génesis 49:10), visto que esta se mantinha mesmo na diáspora, mediante exercício real de certo domínio político no interior das diferentes comunidades hebraicas.

Mas, a percepção de Cardoso sobre a ligação entre o Criador e o povo de Israel, tinha sérios inconvenientes em abordar a vida dos Cristãos-Novos com a devida empatia. Para Cardoso, a eleição Divina do povo de Israel era um assunto de puro amor perante os descendentes de Abraão e uma conduta de vida dos filhos de Israel, a qual justificava: *"Luego no fue passion, fue gracia, no fue parsialidad, sino merito, escoger un pueblo por suyo, que desde su nacimiento sacrifica a Dios su sangre, y del nascer al morir publica siempre su Unidad Sacrosanta"* (p. 8).

É de sublinhar que entre os santificadores dessa unidade de Deus figuravam casos de Cristãos-Novos que foram queimados vivos nos Autos de Fé das

inquisições ibéricas. Isto não implica, necessariamente, que “Las excelencias de los hebreos” se dirigisse ao comum dos marranos. Cardoso, ciente do comportamento nem sempre heróico nem consciente de muitos dos membros da sua própria “nação” na Península Ibérica, respeita a vida religiosa do comum dos marranos, bem como a sua, quando era aquele famoso médico na Corte de Madrid. Na “quinta” excelência dedicada à circuncisão, Cardoso questionava a condição da maioria dos Cristãos-Novos, ao observar que: *“Sin este firmamento del Berit, o circuncion no se puede salvar el Judío, pues dice Dios que será el alma deste pueblo cortada, sino fuere circunciso”* (p. 91).

Yosef Kaplan mostrou recentemente que a circuncisão tinha-se transformado, no livro de Cardoso e para outros membros da Diáspora Sefardita Portuguesa, uma sorte de “sacramento” judeu.

Em “Las excelências de los hebreos” não existe nenhuma justificação, compreensão ou empatia perante qualquer tipo de judaísmo que seja incompleto, parcial ou clandestino. É, por isso, que podemos dizer que Cardoso se dirigia aos seus congéneres que tinham ficado física ou espiritualmente em “terras de idolatria”, apenas porque o seu livro nos remonta para um judaísmo público, total e normativo. Isso leva-me a pensar que o objecto principal de “Las excelencias de los hebreos” teriam sido aqueles leitores, que como o próprio autor, viviam na plenitude da fé mosaica, numa envolvente marcada por uma cultura europeia de substrato cristão, o qual podemos denominar, de forma reveladora, como cultura “judaico-cristã”.

Dois elementos centrais da reflexão cardosiana ocuparão o resto da minha comunicação: o carácter do povo judeu e a sua contribuição para a humanidade. Já mencionámos até que ponto, tanto para Cardoso como para Spinoza, o isolamento, a incompreensão e o ódio tinham um papel determinante na perpetuação do povo judeu.

A verdadeira essência do povo judeu assentava num rigoroso cumprimento da Lei Divina. O Monte Sinai era o evento-chave onde se geravam os laços de solidariedade entre os israelitas: *“y desta união, y cõformidad nació el ser los hijos de Ysrael fiadores unos de otros, todos hazen un cuerpo místico, y un compuesto entero, y cõforme, unos se obligan por otros, y están obligados a reprenderse unos a otros, quando saben que no andan en el verdadero camino de la Ley”* (p. 26). Note-se o uso do conceito “corpo místico”. De evidente

extracção Paulina, o corpo místico era usado na Europa daqueles tempos para definir os membros da Igreja que participavam no sacramento da Eucaristia (sendo parte do corpo de Cristo) e para denominar todo o grupo jurídico completo e hierarquizado, como o Estado ou as corporações.

Deste modo, “Las excelências de los hebreos” precederia cerca de 200 anos em relação a reflexões similares geradas no seio do judaísmo centro-europeu que se debatia perante os desafios da modernidade, como as realizadas por Moises Mendelssohn (1729-1786) fundador do “Iluminismo Judaico” ou as de Samson Rafael Hirsch (1808-1888) fundador do movimento neo-ortodoxo.

A excepcionalidade do judaísmo de Cardoso apresentava sérios desafios de ordem teológica e ética. O autor tinha consciência disso, ao admitir dificuldade de supor que o mesmo Deus que tinha criado a humanidade inteira por puro amor, tinha escolhido para si uma ínfima parte da mesma: os filhos de Abraão. Para isto, Cardoso propunha dois tipos de explicação. Uma, partilhada pela grande maioria dos teólogos cristãos do seu tempo, segundo a qual a eleição de Israel era um mistério Divino e, como tal, impossível de compreender. Outra, que o povo judeu possuía uma missão, uma vocação universal que justificava a sua especificidade grupal: a de difundir a verdade divina. Pois bem, esta vocação era complexa e paradoxal. Se por um lado, o patriarca Abraão era descrito como *“Pregonero de su Unidad, y Predicador universal de las gentes, que les persuadía à conocer, y reverenciar la Causa Primera”* (p.8), Cardoso não adería à ideia segundo a qual no fim dos tempos a humanidade abraçaria a lei mosaica. Muito pelo contrário: *“no serán admitidos los peregrinos de las gentes al Hebrayzmo, porque entrarían más por temor, o por la comodidad, que por la devoción, y quien no acompañó a Ysrael en las aflicciones, y calamidades, no les acompañará también en las felicidades, y en los bienes”* (p. 366).

Como conciliar a inclusão de Abraão com a exclusividade da era messiânica? Ao longo de “Las excelências de los hebreos” Cardoso propunha elementos para a sua resposta. Se segundo Cardoso, os que seguem a lei mosaica devem ser considerados como: *“Philosophos Divinos... devotos separados, que en su retiro procuran observar la Ley que Dios les mandó guardasen para siempre”* (p. 366), não é por isso que o seu papel se remete ao mero encerramento quase monástico. O cumprimento exemplar dos preceitos

mosaicos era determinante no resto das nações, sobretudo ao se entender por lei mosaica, não só os seus ritos e crenças, como também os seus ensinamentos filosóficos, políticos, morais, culturais ou sociais. Assim, Cardoso valia-se de uma tradição difundida durante o Renascimento, segundo a qual Aristóteles havia formado a sua filosofia com a ajuda de um sábio hebraico. Fernando Isaac, não duvidava em usar a seu favor a narração cristológica de Fray Juan de la Puente en su “Tomo primero de la conveniencia de las dos Monarquías Católicas, la de la Iglesia Romana y la del Imperio Español, y defensa de la Precedencia de los Reyes Católicos de España a todos los Reyes del Mundo” (Madrid 1612), para afirmar que o exílio dos judeus não era apenas um castigo pelos seus pecados. Era também parte dos desígnios da Providência para que os gentis conhecessem o deus verdadeiro (p. 327), baseado nas palavras do profeta Isaías (49:6): “... *también te di por luz de las naciones, para que seas mi salvación hasta lo postrero de la tierra*”. Assim, sem que o judaísmo seja uma religião universalista, possuía uma verdadeira vocação universal. Para Cardoso, era preferível esta maneira indirecta e discreta de difundir a ideia de Deus que todos aqueles sistemas conhecidos, que invocando o amor do género humano impunham a sua mensagem a todo o custo.

*“Las otras gentes con la espada vencedora, y con la ambicion insatiable de sus conquistas procuran reducir a su ley los sugetos a su dominio, y con pretexto de dilatar su ley encubren la codicia de sus empresas, introduzen la religion con la fuerça, que havia de ser voluntaria, y no violenta” (p. 359).*

Em suma, a concepção do judaísmo em “Las excelências de los hebreos” era uma sorte de universalidade plural: de “catolicidade”, diria o filósofo judaico-alemão neo-kantiano Hermann Cohen (1842-1918), mas que também acentava na comunidade Sefardita Portuguesa de Livorno através do Rabino Elija Benamozegh (1822-1900). Acefca da questão: em que medida a mensagem do livro “Las excelências de los hebreos” continua actual, deixo à vossa discrição, estimado público. Contudo, enquanto cidadão do Estado de Israel contemporâneo, o louvor realizado em finais do século XVII por este sefardita de origem beirã que foi Fernando Isaac Cardoso, sobre a pequenez territorial da Terra Prometida, resulta, para mim, uma constante fonte de reflexão, inspiração e desafio: *“Pues es muy digno de notar como no dio el*

*Señor a su pueblo querido un Reyno grande, y unas provincias muy dilatadas, como vemos tenían los Assirios, los Persas, y las otras Monarquías, y Reynos grandes, sino que le encerró en tan cortos términos como eran los de la tierra Santa. Mas responderemos, que quiso mostrar el Señor que los Reynos grandes son grandes latrocionios, y que el dominio de las tierras ajenas más se consigue con la violencia, y la fuerça que con la justicia y equidad: lo poco adquirido sin engaño, y conservado con inocencia tiene mas larga duración, y se establece con cimientos más firmes" (p. 314).*